
Georges Sorel e as massas revolucionárias

*Joana El-Jaick Andrade**

Resumo: Embora fundado essencialmente na ação direta das massas operárias, o sindicalismo revolucionário teve como principal idealizador uma personalidade de fora dos meios sindicais. Georges Sorel, seu mais expressivo teórico, tem uma trajetória intelectual marcada por constantes oscilações políticas que transformaram-no em uma das figuras mais polêmicas vinculadas à tradição marxista. Este trabalho pretende realizar uma análise conscienciosa do pensamento de Sorel, de sua ênfase na organização e ação autônoma e direta das massas, de sua defesa da “violência moralizante” e de sua filosofia da história, influenciada pelo conceito bergsoniano de “evolução criativa”, de modo a avaliar a efetiva repercussão de suas idéias sobre o movimento operário e sobre toda uma geração de marxistas que buscavam questionar a apatia e o oportunismo dos políticos-profissionais e revigorar a força política do proletariado.

Palavras-chave: sindicalismo revolucionário, social-democracia, marxismo.

Abstract: Although essentially based on the direct action of the working class, revolutionary syndicalism had as its principal organizer a figure from outside the syndicalistic circles. Its most prominent doctrinaire, Georges Sorel, has a distinctive intellectual biography due to his innumerable political oscillations, which transformed him into one of the most controversial personalities related to the Marxist tradition. This work intends to thoroughly analyze Sorel’s thought, his emphasis on the autonomous action and organization of the masses, his defense of the “moralizing violence” and his conception of history, influenced by Bergson’s idea of “creative evolution”. Therefore, we will evaluate the effective importance of Sorel’s ideas for the destiny of the labor movement.

Key words: revolutionary syndicalism, social democracy, marxism.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. *E-mail:* joanandrade@uol.com.br

As massas proletárias e a social-democracia no final do século XIX

A partir de meados do século XIX, os movimentos populares empreenderam um considerável esforço de unificação e reorganização que pretendia transcender barreiras profissionais e sindicais e definir metas e objetivos comuns a toda a massa proletária, constituindo-a em classe. Contudo, questões relativas à forma de luta e ao tipo de organização mais adequado para concretizar tais objetivos geraram infundáveis discussões e inúmeras desavenças no interior do movimento.

Durante os congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores,¹ que tiveram início em 1864, a maioria de seus participantes decidiu-se pela criação de partidos políticos que tomariam parte nas eleições, a fim de obterem melhoras pontuais na qualidade de vida e no trabalho do proletariado, enquanto as condições para a realização de uma revolução não se verificassem. Surgem, assim, os primeiros partidos social-democratas da Europa, predominantemente orientados pela doutrina marxista e investidos da tarefa de arregimentar ao seu redor amplas massas trabalhadoras, inculcar-lhes uma consciência de classe e prepará-las para a luta.

A relevância do papel do partido, na condução das massas proletárias, foi reafirmada ao longo da década de 90, nos debates travados no seio da Segunda Internacional Socialista. A adoção da tese, segundo a qual a ação socialista deveria ser uma ação eminentemente política, excluiu da querela as correntes anarquistas com sua desconfiança sobre a política e sua convicção na ação direta das massas, corporificada na idéia de greve geral.

A greve geral, enquanto meio de luta, já havia sido experimentada pelo proletariado parisiense desde 1840 e pelos cartistas britânicos a partir de 1842, tendo sido incorporada pela Primeira Internacional no Congresso de Bruxelas, em 1868, para ser utilizada no caso de uma declaração de guerra. (GUÉRIN, 1971). Bakunin, em um artigo de 1869, *Organization et grève general*, ressalta a importância dessa arma de luta revolucionária:

Quando as greves se estendem e se comunicam pouco a pouco é porque estão bem perto de tornarem-se greve geral; e uma greve geral com as idéias de libertação que reinam hoje em dia no proletariado só pode resultar em um grande cataclisma que daria pele nova à sociedade. Não chegamos aí ainda, sem dúvida, mas tudo nos conduz a isso. (BAKUNIN, 1869, p. 51-52 apud GUÉRIN, 1971, p. 63).

Com apoio sobretudo dos anarquistas, a concepção de greve geral foi retomada pelo movimento operário francês, tendo sido consagrada no Congresso Sindical de Bordeaux em 1888, Marselha em 1892, Nantes em 1894, Limoges em 1895 e Rennes em 1898. (GUÉRIN, 1971).

Como esclarece Daniel Guérin,

o prestígio da greve geral aos olhos dos trabalhadores conservava-se por diversas causas: era a sua própria arma, a sua criação espontânea. Nenhum teórico a tinha descoberto. Para conduzi-la, não precisavam de nenhum chefe político mais ou menos desacreditado. Recusavam-se a esperar sua emancipação de um grupo parlamentar até de um governo “republicano” ou de um ministro “socialista”. Queriam haurir em si mesmos os recursos de seu combate. A greve era o instrumento de sua “ação direta”. (GUÉRIN, 1971, p. 65).

Contudo, para os líderes da social-democracia, a greve política seria um meio de luta utilizável somente em casos excepcionais – a exemplo das greves gerais belgas de 1891 e 1893 em favor do sufrágio universal –, pois exigiriam um proletariado demasiadamente educado, organizado e disciplinado para sua realização. A dúvida a respeito da viabilidade e efetividade da greve geral levou os congressos social-democratas de Dresden (1903) e Bremen (1904) e o Congresso Socialista Internacional de Amsterdã (1904) a rejeitarem as moções em favor de sua institucionalização como instrumento da luta proletária. (GUÉRIN, 1971, p. 49).

Apesar do repúdio à tática da greve geral pela quase totalidade da social-democracia, o movimento revolucionário russo de 1905 colocou-a novamente na ordem do dia, suscitando grande polêmica a respeito de sua validação.² Rosa Luxemburgo, que anteriormente aderira às deliberações dos líderes da social-democracia, passa então a reconhecer na greve de massas um fenômeno dinâmico que abriria vastas e novas perspectivas à revolução.

Greves econômicas e políticas, greves de massa e parciais, greves de demonstração ou de combate, greves gerais atingindo setores particulares ou cidades inteiras, lutas reivindicativas pacíficas ou batalhas de rua, combates de barricadas – todas estas formas de luta se cruzam ou se ladeiam, se atravessam ou se ultrapassam: é um oceano de fenômenos eternamente novos e flutuantes. [...] A greve de massas é simplesmente a forma tomada pela luta

revolucionária. Ela é a pulsação viva da revolução e, ao mesmo tempo, o seu motor mais possante. (LUXEMBURG, 1969 apud GUÉRIN, 1971, p. 86).

Através da análise da Revolução Russa, Rosa passa a considerar vãs todas as tentativas de cálculo, previsão e controle do movimento por parte dos partidos socialistas, posto que as agitações espontâneas das massas estariam sempre à frente de quaisquer planos pré-traçados e ações previamente organizadas, exteriores às massas. Com efeito, as greves de massas não seriam produtos artificiais de uma tática imposta pela social-democracia, mas um fenômeno histórico natural nascido sob o solo da revolução, no qual a consciência de classe tornar-se-ia concreta e ativa. (LUXEMBURGO, 1991).

Não obstante sua resistência inicial à idéia de greve geral propagada pelos anarquistas, é certo que desde 1903 Rosa já dava indícios de suas reservas em relação às práticas assumidas pela social-democracia e às suas inconsistências teóricas. Contrariamente a Kautsky e Lênin, Luxemburgo não concebia a consciência socialista como um elemento a ser importado da luta de classes, que brotasse na base de um profundo conhecimento científico.

Segundo o ponto de vista leninista, a classe operária por si mesma somente seria capaz de desenvolver uma consciência trade-unionista, isto é, uma forma embrionária de consciência de classe inapta a formular reivindicações mais precisas e organizar a prática revolucionária. Desse modo, enquanto a espontaneidade das massas produziria ações desorganizadas, improvisadas e descontínuas, a existência de uma organização na forma de um partido revolucionário permitiria coordenar, planificar, sincronizar e dar forma ao movimento. A intervenção de uma vanguarda – composta por militantes (teóricos, propagandistas, agitadores ou organizadores) responsáveis por levar conhecimentos políticos aos operários – na luta de massa espontânea criaria, enfim, um clima propenso à revolução. (LÊNIN, 1986).

Com efeito, para Lênin, seria impossível erigir um movimento revolucionário sólido sem uma estável organização de dirigentes que assegurasse sua continuidade e, conseqüentemente, uma maior probabilidade de êxito. A concentração e a centralização de todas as funções clandestinas nas mãos do menor número possível de revolucionários profissionais, no entanto, não significariam que esses

pensariam por todos ou que a multidão não tomaria parte ativa no movimento,³ mas que

todo o culto da espontaneidade do movimento operário, toda a diminuição do papel do “elemento consciente”, do papel da social-democracia significa, por isso mesmo – queiramos ou não, [...] – um fortalecimento da influência da ideologia burguesa sobre os operários. (LÊNIN, 1966 apud GUÉRIN, 1971, p. 95).

Rosa Luxemburgo, por sua vez, considerava crucial para a elevação do proletariado um intenso trabalho de educação das massas que culminasse em sua transformação em sujeitos históricos ativos e conscientes, abolindo-se dessa maneira a divisão entre “dirigentes” e “massa dirigida”. No artigo “Massas e chefes”, de 1903-1904, Rosa destaca que

a própria inteligência da massa quanto às suas tarefas e meios é, para a ação socialista, condição histórica indispensável assim como a inconsciência da massa foi, antigamente, condição para as ações das classes dominantes. Por meio dela, a oposição entre os “chefes” e a maioria que “trotam atrás deles” vê-se abolida, a relação entre a massa e os chefes é alterada. O único papel dos pretensos “dirigentes” da social-democracia consiste em esclarecer as massas sobre a sua missão histórica. (LUXEMBURGO apud GUÉRIN, 1971, p. 81).

Contudo, Rosa acreditava que a verdadeira conscientização não seria obra de uma vanguarda esclarecida, sendo alcançada através da própria experiência dos trabalhadores e de sua luta cotidiana, pois só no curso da luta as tarefas tornar-se-iam claras. Assim, organização, esclarecimento e combate não seriam fases distintas, mas aspectos de um mesmo processo histórico que potencialmente conduziriam à revolução.

Ao afirmar que a centralização social-democrata não poderia fundar-se nem na obediência cega nem na subordinação mecânica dos militantes a um poder central e que a tática de luta da social-democracia não deve, em geral, ser “inventada de antemão”, sendo resultado de uma série ininterrupta de grandes atos criadores da luta de classes, Luxemburgo reveste o papel dos órgãos diretores do partido socialista com um caráter conservador:

O estabelecimento da centralização na social-democracia sobre esses dois princípios: a cega subordinação, até nos menores detalhes, da atividade de todas as organizações partidárias a um poder central que, sozinho, pensa, cria e decide por todos, assim como a rigorosa separação entre o núcleo organizado do partido e o meio revolucionário que o cerca, tal como é defendido por Lênin, parece-nos uma transposição mecânica dos princípios organizativos do movimento blanquista de círculos de conspiradores para o movimento social-democrata das massas operárias. (LUXEMBURGO, 1991, p. 43).

Embora tal concepção fosse minoritária no âmbito da social-democracia, Rosa Luxemburgo não foi a única voz a se rebelar contra o ultracentralismo do partido, a subestimação do potencial revolucionário das massas espontâneas e o oportunismo dos dirigentes políticos e parlamentares. A ênfase na organização e ação autônoma e direta da massa também integrava o pensamento dos sindicalistas revolucionários, desenvolvido na França em decorrência da iniciativa de um grupo de intelectuais como Georges Sorel, H. Lagardelle e E. Berth, em conjunto com ativistas do movimento sindical.

De acordo com os sindicalistas revolucionários, os sindicatos – e não os partidos – constituiriam a forma autêntica de organização do movimento operário. Desse modo, refutavam a visão dos sindicatos como uma simples correia de transmissão entre o partido e as massas, sendo aqueles os verdadeiros responsáveis pelo aguçamento do antagonismo de classes e pela promoção de formas de ação direta, sobretudo da greve geral. Através das ações conjuntas, acreditavam ser possível paralisar o Estado burguês e impor a revolução sem que tivessem que aguardar uma crise econômica que provocasse o colapso do capitalismo.

A revolução socialista, por sua vez, consistiria não na conquista do poder estatal (e a mera troca de grupos sociais privilegiados no poder), mas na própria abolição do Estado. À medida que o partido era visto como uma organização externa à classe operária, dirigida geralmente por políticos provenientes da intelectualidade burguesa, sua influência sobre o proletariado deveria ser extinta, e sua atividade parlamentar, rechaçada, pois as reformas implementadas através da legislação social conduziriam ao conformismo, à diminuição do ímpeto revolucionário das massas e à paralisia da luta de classes.

Por essa razão, os sindicalistas revolucionários reprovavam a greve geral posta a serviço de um objetivo político parlamentar e eleitoral, ou seja, em prol da extensão do sufrágio universal. Diferentemente, a greve geral seria um fenômeno capaz de liberar uma extraordinária quantidade de energia social, sendo um poderoso motor de ação que deveria ser utilizado apenas a serviço da revolução. Desconsideravam, portanto, os argumentos apontados pelos líderes do Partido Socialista francês, como Jean Jaurés, que acreditava que a greve geral envolveria um grande risco.

Os partidários da greve geral são obrigados a triunfar na primeira vez. Se uma greve geral [...] malogra, ela terá deixado de pé o sistema capitalista, mas o terá armado com um furor implacável. O temor dos dirigentes, e, até, de uma grande parte da massa ganha livre curso em uma longa seqüência de anos de reação. E o proletariado, por muito tempo, estará desarmado, esmagado, amarrado [...]. A sociedade burguesa e a propriedade individual encontrarão os meios [...] de se defender, de reunir, pouco a pouco, na própria desordem e confusão da vida econômica subvertida, as forças de conservação e de reação. (JAURÉS, 1901 apud GUÉRIN, 1971, p. 46).

A trajetória teórica de Georges Sorel

Embora fundado essencialmente na ação direta das massas operárias, o sindicalismo revolucionário teve como principal idealizador uma personalidade de fora dos meios sindicais. Georges Sorel, seu mais expressivo teórico, tem uma trajetória intelectual marcada por constantes oscilações políticas que o transformaram em uma das figuras mais polêmicas vinculadas à tradição marxista. Entretanto, apesar da volubilidade de suas idéias, que podem aproximá-lo seja de uma esquerda radical, seja de um extremismo de direita, seu pensamento guarda traços fundamentais que lhe conferem certa coerência e continuidade.

Tendo nascido na França, em 1847, no seio de uma família burguesa, Sorel formou-se em Engenharia Civil pela *École Polytechnique*, profissão que abraçou até 1892. Seus primeiros artigos,⁴ publicados entre 1883-1892, evidenciavam um grande interesse pelos problemas da filosofia da ciência e uma insatisfação com o determinismo mecanicista da cultura tardo-positivista francesa. Para Sorel, a formulação científica

da causa, tanto nas ciências naturais como nos sociais, exprimiria um esquema ideal e abstrato elevado a um *status* “artificial” de verdade. Tais formulações e enunciados expostos em leis científicas, segundo Sorel, seriam incapazes de apreender toda a complexidade e variedade do real. Sendo assim, as leis da ciência não poderiam conter a natureza em sua integridade, reproduzindo de modo puramente abstrato o que há de cientificamente cognoscível nos fenômenos. (PAOLA, 1984).

Tendo em vista que os modelos construídos pelos cientistas seriam particulares e provisórios (enquanto convenções e construções ideológicas), o autor critica a arrogância do racionalismo cartesiano em sua eterna busca por generalizações. A genuína ciência deveria, portanto, estar ancorada à ciência experimental, não estendendo a teoria além das fronteiras do fato concreto. Sorel propõe, então, a adoção de um empirismo radical, a exemplo do trabalho desenvolvido por Claude Bernard em 1859, *Introduction à la médecine expérimentale*. (NYE, 1973, p. 417).

Ao dissociar a ciência empírica da especulação filosófica, Sorel desfere contundentes ataques à doutrina positivista e aos comteanos, cuja pretensão seria de apresentar sua filosofia da história sob a forma de uma ciência neutra, despida de valor. Estas “ilusões metafísicas pseudocientíficas” seriam guiadas pela noção iluminista de progresso que aposta na supremacia da ciência em um mundo governado pela razão e livre do obscurantismo clerical. Sorel, ao contrário, opõe-se às predições dos processos sociais e ao determinismo científico. (NYE, 1973). Tal como Bergson, Sorel assume uma postura antiiluminista e anti-racionalista que ressalta a idéia de imprevisibilidade e originalidade do processo histórico. Desse modo, apenas retrospectivamente, o passado poderia assumir uma estrutura racional, estando o presente em estado de fluxo contínuo e desordem, e o futuro ainda seria objeto da ação criativa dos homens. Assim, de acordo com Sorel, a verdadeira história estaria mais próxima de uma obra de arte do que uma construção lógica. (KOLAKOWSKI, 1985).

Sob a influência da metafísica bergsoniana do movimento e da mudança, Sorel leva em conta uma gama de elementos irracionais⁵ e emocionais que atuaria como forças concretas no processo histórico. Com efeito, os projetos humanos operariam dentro de estreitos limites impostos pelo peso da tradição, pelas debilidades humanas e pela imperfeição de nosso conhecimento. Sorel resgata, dessa maneira, a importância das crenças e ideologias (sejam elas religiosas ou seculares), para a explicação do comportamento humano, evocando para tanto os

estudos realizados no campo da psicologia nas emoções.⁶ Como a consideração de fatores emocionais não estaria condicionada à existência ou veracidade do objeto que desperta tais sentimentos, Georges Sorel passa a interpretar a experiência religiosa como um fato⁷ com extrema relevância histórica e que por essa razão não poderia ser descartado – tal como faziam os racionalistas.⁸

O interesse de Sorel pela repercussão das motivações emocionais, na história humana, que o levou a debruçar-se sobre a questão da religião e das tradições, despertou-lhe igualmente a atenção para o movimento socialista e à doutrina marxista. Em 1893 publicou na *Revue Philosophique* artigo intitulado “Science et socialisme”, no qual realiza uma reflexão a respeito do materialismo histórico, considerando-o uma “nova metafísica real”. (PAOLA, 1984). Sorel aprofundou-se ainda mais nessa mesma temática nos anos seguintes, quando escreveu trabalhos como *A antiga e a nova metafísica* (1894) e ajudou a fundar, juntamente com Lafargue, Bonnet e Deville, a primeira revista francesa explicitamente inspirada no marxismo, intitulada *Le Devenir Social* (1895).⁹

Na concepção de Sorel, o marxismo não seria tanto um instrumento de percepção da realidade, mas antes um instrumento ideológico capaz de exercer profunda influência sobre o proletariado, na sua auto-identificação como classe. Para o teórico, lutando contra os capitalistas, as massas trabalhadoras chegariam a ter “uma única cabeça e um único coração”, pensariam como proletariado e adquiririam uma livre subjetividade. (PAOLA, 1984, p. 69). Nesse ponto, Sorel aproximou-se consideravelmente da teoria das massas, formulada por Gustave Le Bon, que, em sua análise da psicologia das multidões,¹⁰ chega a apresentar o socialismo como um fenômeno psicológico análogo ao fanatismo religioso. A concordância em encarar o socialismo como um estado mental foi expressa por Sorel no artigo “Le caractère religieux du socialisme” (1906):

Les plus fortes raisons qui semblent avoir dirigé Gustave Le Bon sont les suivantes: les thèses socialistes ne sont pas susceptibles de démonstration; les nouvelles croyances engendrent du fanatisme; leurs sectateurs ont le désir de ruiner ce qui rappelle la civilisation actuelle. (SOREL, 1981, p. 317).

O marxismo, visto como uma teoria da ideologia, despe-se do seu caráter científico e determinista (conferido pelos chamados “marxistas ortodoxos”), transformando o ideal socialista em um princípio ético – a expressão ideológica de um movimento para libertar a espécie humana. Sorel repudia, assim, a conversão do socialismo em utopia, efetuada graças à influência exercida pelo racionalismo e pelo positivismo, que levam à adoção de esquemas de pensamento simples e abstratos:

Marx avait fait de grands efforts pour introduire dans les théories révolutionnaires des considérations historiques, capables de les mettre d'accord avec les tendances du génie moderne, tout plein d'histoire; mais ses idées semblent avoir été presque totalement submergées par les rêveries optimistes relatives à la marche de l'humanité vers les lumières, l'égalisations du bonheur. [...] La notion du rôle que le mal a joué dans le mouvement historique, théorie qui est capitale dans la philosophie de Marx, a disparu du socialisme. (SOREL, 1981, p. 315).

As utopias seriam estereis por se basearem em um ser humano abstrato, não-relacionado ao contexto histórico em que se vê inserido – desprovido de crenças religiosas, costumes herdados, traços nacionais, biológicos e psicológicos, etc. A partir da exaltação de uma situação imaginária, a ser concretizada em um futuro longínquo, promoveria o imobilismo das massas e prejudicaria a compreensão da luta de classes pelo proletariado. (KOLAKOWSKI, 1985).

Les utopistes ne sont point parvenus à déterminer de sérieux mouvements dans le monde, parce qu'ils n'avaient point à leur disposition des mythes doués du pouvoir moteur qui eût été nécessaire; le socialisme trouve aujourd'hui dans les phénomènes qui se rattachent à la lutte de classe des ressources pour créer les forces psychologiques populaires dont il a besoin. (SOREL, 1981, p. 339).

Georges Sorel contrapõe, então, à concepção utópica dos marxistas do período, uma visão pragmática e ativista, ancorada na idéia do mito revolucionário, desenvolvido em sua célebre obra *Réflexions sur la violence* (1908). O mito, na compreensão do autor, seria a antecipação do futuro através de imagens que favorecem a mobilização e ação de um grupo. Nesse sentido, seria um poderoso instrumento à disposição do

proletariado, hábil a colocar em prática os valores supremos da humanidade. O mito soreliano, portanto, não descreve uma sociedade futura perfeita, sendo a convocação para uma batalha decisiva a força que inspira e organiza a consciência militante de um grupo auto-suficiente. Através dele o grupo combativo pode manter viva sua solidariedade, seu heroísmo e espírito de auto-sacrifício, preparando-se para a violenta destruição da ordem existente e a criação do futuro, ainda em aberto.

Orientadas por uma imagem unificadora, tal como a greve geral, as massas operárias produziram um movimento espontâneo que promoveria a transformação radical da moral – a revalorização de valores como dignidade, grandeza, heroísmo e autenticidade. Assim, a emancipação através da ação direta possibilitaria a propagação de um tipo de moralidade oposta à sociedade capitalista, uma nova forma de julgar os atos humanos. Essa nova moralidade afloraria ainda sob o capitalismo, embora avessa à lógica do mercado, no âmbito da família, da guerra e da produção. (KOLAKOWSKI, 1985).

Ao conceber o socialismo, não apenas como um conjunto de reformas materiais, mas como a completa reinterpretação da vida humana e a transformação de todos os aspectos da vida que envolvem a moralidade, o pensamento e a filosofia, Sorel aproxima-se do pensamento de Proudhon, fortemente centrado na moral e no trabalho – concebido como produto do espírito e fonte da dignidade humana.

A ênfase dada por Sorel à necessidade de se romper com a moralidade e com as formas de pensamento burguesas e de fazer prevalecer uma nova cultura operária fundada no trabalho o conduziu ao que mais tarde veio a ser caracterizado como “romantismo anticapitalista”. (LÖWY, 1997). Seu apelo aos valores do passado, às tradições familiares, ao recato sexual e à solidariedade tribal, bem como seu pessimismo em relação ao progresso tecnológico e às instituições modernas são marcas indeléveis de seu pensamento que o acompanharam ao longo de toda sua vida.¹¹

Sua confiança na ação direta e espontânea das massas operárias, imbuídas de uma “ética dos produtores”, movidas por uma forte carga emocional e investidas da tarefa de implementar, através da revolução, a transformação moral de toda a sociedade, todavia, não é o que torna singular a teoria da ação soreliana. Sua tentativa de resgatar o marxismo dos influxos burgueses, que teriam como conseqüências práticas a burocratização, hierarquização e degeneração do movimento socialista,

beira o anarquismo, muitas vezes confundindo-se com ele. Contudo, as noções de antagonismo e luta de classes, além do papel de destaque conferido à classe operária, como a autêntica portadora da revolução, tornam evidente seu viés marxista.

A heterodoxia e a originalidade de seu pensamento levaram-no a saudar as investidas de Bernstein em sua crítica ao “marxismo ortodoxo”, dominante na social-democracia, embora tenha chegado a conclusões completamente opostas aos revisionistas. Georges Sorel, ao contrapor-se aos líderes partidários social-democratas, condena ardorosamente seu reformismo, sua retórica e demagogia, suas condutas inescrupulosas em busca de ganhos e privilégios particulares, suas manobras e táticas conciliatórias em benefício próprio na disputa pelo poder. Seu desprezo pelas autoridades do partido desemboca na rejeição das revoluções políticas que culminam no restabelecimento de hierarquias e controles heterônomos sob os trabalhadores. Assim, uma greve geral teria como objetivo a destruição completa da ordem existente, com a devolução do controle e organização da produção aos produtores diretos, livres e autônomos.

A severa crítica aos partidos social-democratas, que submeteriam o proletariado aos políticos profissionais, e à democracia parlamentar, concebida como fonte de desmoralização, corrupção e destruição da solidariedade de classe empreendida por Sorel, foi intensificada na virada do século, por ocasião do caso Dreyfus.

O processo Dreyfus pode ser comparado a uma grande luta comercial entre duas empresas de publicidade rivais [...]. Até o processo Dreyfus, havia muitos que acreditavam, com toda a sinceridade, que os partidos políticos [...] eram dirigidos pelas forças mais nobres e por princípios. Viu-se que todo esse aparelho ideológico era muito superficial, e que a política era verdadeiramente uma coisa suja. Os espíritos estão como que desorientados. (SOREL, 1902, p. 122 apud PAOLA, 1984, p. 73).

Tamanha foi a decepção com a democracia parlamentar, que durante a primeira década do século XX que redundou na adesão de Sorel a um movimento sindicalista “antipolítico”, anti-estatal e internacionalista, apresenta-se sob uma nova forma a partir de 1910. Sorel, surpreendentemente, abandona o sindicalismo revolucionário, que conclui estar irremediavelmente corrompido por tendências reformistas,

e aproxima-se do monarquismo – por intermédio do grupo *Cité Française* – e de movimentos nacionalistas radicais na França e Itália (PAOLA, 1984), passando a encarar o patriotismo como uma força que traz em si a promessa de um renascimento social.

Concomitantemente, Sorel parte em defesa de Lênin¹² e da revolução bolchevique, que considera um poderoso exemplo,¹³ uma louvável tentativa de “forçar a história”:¹⁴

Pode ser que os bolcheviques acabem sucumbindo com o tempo, sob os golpes dos mercenários arregimentados pelas plutocracias da Entente; mas a ideologia da nova forma de Estado proletário não irá perecer; sobreviverá fundindo-se com mitos que emprestarão seu conteúdo dos relatos populares da luta mantida pela República dos soviets contra a coalizão das grandes potências capitalistas. (SOREL, 1992, p. 316).

Essa aparente ambigüidade presente no pensamento de Sorel pode ser atribuída à forte influência exercida pelo pragmatismo de William James, sentida principalmente após o início da Primeira Guerra Mundial, tendo permanecido latente até sua morte em 1922.¹⁵

A violência moralizante e a ação revolucionária das massas

O mito, na obra de Sorel, seja ele formado por uma ideologia socialista ou por um nacionalismo radical, seria responsável pelo impulso criador das grandes massas,¹⁶ as verdadeiras protagonistas de uma renovação radical:

Uma revolução produz mudanças profundas, duradouras e gloriosas somente quando é acompanhada por uma ideologia cujo valor filosófico seja proporcional à importância material dos abalos ocorridos. Essa ideologia empresta aos atores do drama a fé que lhes é necessária para vencer; eleva uma barreira contra as tentativas de reação que juristas e historiadores efetuarão progressivamente, preocupados em restaurar as tradições despedaçadas; finalmente, servirá para justificar mais tarde a revolução, a qual, graças a ela, parecerá a vitória da razão realizada na história. (SOREL, 1929, p. 249 apud PAOLA, 1984, p. 75).

Nesse sentido, o sindicalismo revolucionário seria a grande força educativa que a sociedade contemporânea possui para preparar a derrocada e a substituição da ordem vigente, através da propagação do mito revolucionário: a idéia da greve geral. Essa, por sua vez, não seria apenas o instrumento que tornaria possível a revolução social, mas também consistiria em uma etapa preparatória de reeducação moral e difusão da solidariedade, despertando no proletariado sentimentos mais nobres, profundos e motivadores. A greve geral, portanto, seria “o mito no qual o socialismo está contido por inteiro, ou seja, uma organização de imagens capazes de evocar instintivamente todos os sentimentos que correspondem às diversas manifestações da guerra travada pelo socialismo contra a sociedade moderna”. (SOREL, 1992, p. 146).

Ao agrupar todos esses sentimentos numa imagem de conjunto e conferir-lhes um máximo de intensidade (recorrendo a lembranças pungentes de conflitos particulares), a greve geral tornaria acessível a “intuição do socialismo” que a linguagem não poderia oferecer de maneira perfeitamente clara. (SOREL, 1992, p. 146).

Para Sorel, “a idéia de greve geral está tão bem-adaptada à alma operária que é capaz de dominá-la da maneira mais absoluta, não deixando nenhum lugar aos desejos que satisfariam os parlamentares”. Tal idéia seria a tal ponto motivadora que, uma vez que penetrasse nos espíritos, esses escapariam a todo controle de seus amos, estando o poder dos deputados reduzido a nada. (SOREL, 1992, p. 148). A superação da linguagem confusa e demagógica dos reformistas e sua substituição pela representação clara das forças em luta seriam, portanto, algumas das virtudes do mito revolucionário.

O sindicalismo procura empregar meios de expressão que projetem sobre as coisas uma luz forte que as coloquem perfeitamente no lugar que lhes cabe por natureza e revelem todo o valor das forças em jogo. Em vez de atenuar as oposições, deveremos, para seguir a orientação sindicalista, colocá-las em relevo; deveremos dar um aspecto tão sólido quanto possível aos grupos que lutam entre si; enfim, representaremos os movimentos das massas revoltadas de tal maneira que a alma dos revoltados receba disso uma impressão plenamente dominante. A linguagem não poderia ser suficiente para produzir tais resultados de forma segura. É preciso recorrer a conjuntos de imagens capazes de evocar em bloco e por mera intuição, antes de toda análise reflexiva,

a massa dos sentimentos que correspondem às diversas manifestações da guerra travada pelo socialismo contra a sociedade moderna. Os sindicalistas resolvem perfeitamente esse problema concentrando todo o socialismo no drama da greve geral. Assim, não há mais nenhum lugar para a conciliação dos contrários no palavrório por parte dos sábios oficiais; tudo é bem delineado, de sorte que só possa haver uma única interpretação possível do socialismo. (SOREL, 1992, p. 141).

Da mesma forma, pouco importaria que a greve geral fosse uma realidade apenas parcial ou um mero produto da imaginação popular. Saber o que os mitos contêm em termos de detalhes destinados a aparecer realmente no plano da história futura seria, então, algo tão improfícuo quanto desnecessário, visto que não são criados para desempenhar a função de “almanaques astrológicos”.¹⁷ Sendo assim, os mitos deveriam ser julgados pelo que são – meios de agir sobre o presente. Logo, toda a discussão sobre a maneira de aplicá-los materialmente no curso da história seria desprovida de sentido, pelo fato de que

ainda que os revolucionários se enganem completamente, pintando um quadro fantasioso da greve geral, esse quadro pode ser, ao longo da preparação para a revolução, um elemento de força de primeira ordem, se admitir, de maneira perfeita, todas as aspirações do socialismo e se der ao conjunto dos pensamentos revolucionários uma precisão e uma rigidez que outras maneiras de pensar não poderiam lhes ter fornecido. (SOREL, 1992, p. 145).

Ainda de acordo com Sorel, a greve geral produziria um estado de espírito inteiramente épico,¹⁸ constantemente rejuvenescido pelos sentimentos atizados pela violência proletária. Todavia, a civilização não correria o risco de sucumbir à brutalidade, uma vez que a idéia de greve geral permitiria alimentar a noção de luta de classe por meio de incidentes que pareceriam medíocres aos olhos dos historiadores burgueses. (SOREL, 1992, p. 210).

Através de lutas constantes incitadas por razões econômicas, os trabalhadores vivenciariam imagens atenuadas da revolução, as quais serviriam de ensaio e preparação para o enfrentamento final. Desse modo,

não haveria mais nenhuma possibilidade de paz social, de rotina resignada e de entusiasmo a atos benevolentes ou gloriosos, posto que os menores incidentes da vida diária tornar-se-iam sinais do avanço da luta de classes, todo conflito seria um incidente de guerra social e toda greve engendraria a perspectiva de uma catástrofe total.¹⁹

Diante da iminência da revolução popular,²⁰ inspirada pelo mito revolucionário, e da freqüente demonstração de sua força, não seria provável que houvesse um grande desdobramento da brutalidade e que o sangue fosse derramado em torrentes. (SOREL, 1992, p. 206). Sorel repudia, assim, a concepção jacobina de violência, empregada na revolução de 1793.

Não se podem confundir as violências sindicalistas exercidas ao longo das greves por proletários que querem a derrubada do Estado com esses atos de selvageria que a superstição do Estado sugeriu aos revolucionários de 1793, quando tiveram o poder nas mãos e puderam exercer sobre os vencidos a opressão – de acordo com os princípios que haviam recebido da Igreja e da realeza. Temos o direito de esperar que uma revolução socialista levada a cabo por sindicalistas puros não seja manchada pelas abominações que mancharam as revoluções burguesas. (SOREL, 1992, p. 134-135).

Diferentemente da violência jacobina,²¹ a “violência proletária” pregada pelos sindicalistas seria pura e simplesmente constituída de atos de guerra, tendo o valor de demonstrações militares que servem para demarcar a divisão de classes. (SOREL, 1992, p.132). Isso significaria, segundo Sorel, que os propagandistas da greve geral trabalhariam para manter o socialismo compatível com o mínimo de brutalidade possível (SOREL, 1992, p. 212), já que tudo o que diz respeito à guerra se produziria sem ódio e sem espírito de vingança:

Na guerra não se matam os vencidos, não se infligem a seres inofensivos as conseqüências dos dissabores que os exércitos podem ter experimentado nos campos de batalha. A força manifesta-se então conforme sua natureza, sem jamais pretender valer-se dos procedimentos jurídicos que a sociedade aplica contra os criminosos. (SOREL, 1992, p. 132).

Dessa forma, os conflitos sociais assumem o caráter de pura luta, semelhante a dos exércitos em campanha – munidos de uma violência de tipo militar, não-policialesco, desprovidos de crueldade e não-movidos pelo sentimento de inveja das classes mais ricas.²² A violência proletária defendida por Georges Sorel não pode ser confundida, portanto, com a apologia da barbárie e do derramamento de sangue, sendo a explicitação do antagonismo de classes na forma de uma guerra social aberta, “feita à luz do dia, sem nenhuma atenuação hipócrita”. (SOREL, 1992, p. 311). Dessa guerra social deveria emergir uma nova civilização, própria de um povo de produtores, livres e autônomos. Sendo assim, “é à violência que o socialismo deve os altos valores morais através dos quais traz a salvação do mundo moderno”. (SOREL, 1992, p. 279).

A idéia de greve geral, engendrada pela prática das greves violentas, comporta a concepção de uma mudança irreversível. Há nisso algo de assustador – que se revelará ainda mais assustador à medida que a violência ocupar um lugar maior no espírito dos proletários. Mas, ao empreenderem uma obra grave, temível e sublime, os socialistas elevam-se acima de nossa sociedade leviana e tornam-se dignos de ensinar ao mundo caminhos novos. (SOREL, 1992, p. 311).

Por conseguinte, para o autor, a violência direcionada contra os patrões e o Estado, inimigos irreconciliáveis do proletariado, possuiria uma função moral e educativa, que o leva a concluir que o socialismo não poderia existir sem a apologia da violência, posto que “é nas greves que o proletariado afirma sua existência”. (SOREL, 1992, p. 311). Sorel, contudo, realiza uma distinção axiológica e ontológica entre a violência praticada pelo proletariado e a violência empregada pela burguesia. Segundo ele, os termos *força* e *violência* são empregados, indiferentemente, ora para indicar atos da autoridade, ora atos de revolta, embora seja evidente que os dois casos dão lugar a conseqüências diferentíssimas. Desse modo, Sorel defende o emprego de uma terminologia que não dê margem a equívocos, reservando o termo *violência* para a segunda situação.

Assim, conclui:

Diríamos, portanto, que a força tem como meta impor a organização de uma ordem social, na qual governe uma minoria; já a violência visa à destruição dessa ordem, na qual governe uma minoria; já a violência visa à destruição desta ordem. A burguesia empregou a força, desde o surgimento dos tempos modernos; já o proletariado reage agora, contra ela e contra o Estado, mediante a violência. (SOREL, 1970, p. 286 apud PAOLA, 1984, p. 76).

O legado de Sorel e sua apropriação teórica

Tanto a exortação da violência moralizante, através de um mito revolucionário, variável quanto ao seu conteúdo político, quanto sua vinculação com grupos nacional-sindicalistas italianos que sentaram as bases do fascismo em 1919, foram elementos muito utilizados para rotular Sorel como um dos teóricos do autoritarismo e acusá-lo de haver inspirado os governos totalitários²³ do século XX. Nesse sentido, como ressalta Marcuse (1972, p. 151), a obra de Sorel seria um exemplo típico da transformação de uma atitude abstrato-antiautoritária em um autoritarismo reforçado. Segundo Marcuse, nesse “anarquismo antiautoritário”, a violência proletária, que trava a luta final contra a ordem burguesa, por meio da greve geral mítica, é isolada de sua meta econômica e social – graças ao abandono do materialismo e à conversão do socialismo em uma “metafísica dos costumes” – transformando-se em uma autoridade em si mesma.

Se o seu critério não mais reside na racionalidade material e na felicidade maior do progresso social, ao qual a violência está dirigida, então não se pode mais distinguir por que a violência será “melhor” do que a violência burguesa. Em sua atuação, a obra de Sorel, com seus ataques violentos ao humanitarismo piegas, ao lodo parlamentar, aos compromissos covardes, aos privilégios dos intelectuais, etc., pode passar perfeitamente como um apelo à burguesia a utilizar abertamente o poder que de fato ela já tem. (MARCUSE, 1972, p. 152).

Da mesma maneira, Marcuse acredita que a partir do conceito soreliano de “elites sociais”, derivaram-se linhas de desenvolvimento direto que levam, tanto à “vanguarda” proletária do leninismo como às elites dirigentes do fascismo. A “acefalia” do socialismo se transformaria na teoria das *elites* revolucionárias, uma vez que a revolução social geraria novas *autoridades sociais*, que surgiriam *organicamente* da vida social chamando a si a direção disciplinadora no processo de produção. Essa elite, portadora da *autoridade social* futura, seria uma elite ancorada no *mérito social*, composta por “grupos que desfrutam uma hegemonia moral, possuem um sentimento correto de tradição e que cuidam, de modo racional, do futuro. Assim, inteiramente desligada de uma base econômica inequívoca e elevada ao *moralismo*, essa concepção de elite tenderia ao autoritarismo formalista”. (MARCUSE, 1972, p. 153).

Outro ponto polêmico da teoria de Sorel, que o vincularia às vertentes do pensamento autoritário do século passado consistiria em sua evocação do mito como elemento propulsor das massas e na utilização de imagens para incitar-lhes a ação. Para Kolakowski (1985, p. 163), ao fundar sua teoria da ação em uma mitologia imune à crítica racional, Sorel teria dado sua aprovação por antecipação aos movimentos políticos baseados no instinto. Desse ponto de vista, os fascistas teriam razão em incluí-lo entre suas fileiras, sendo sua conexão com o marxismo considerada apenas accidental. (KOLAKOWSKI, 1985, p. 163).²⁴

Ainda de acordo com Kolakowski, “una crítica de la democracia que se arropa en el “mito” y no presencia una tangible alternativa, sino simplemente la ausencia o negación de la democracia, no puede ser sino una apología de la tiranía, al menos cuando descende del ámbito de la literatura al de la política práctica”. (1985, p. 174). Verificar-se-ia, então, a convergência de duas formas extremas de radicalismo: de direita e de esquerda.

Si la fraseología izquierdista radical se limita a atacar a la democracia burguesa sin ofrecer una democracia mejor en su lugar, meramente se opone al racionalismo sin establecer nuevos valores culturales; si defiende la violencia no limitada por restricciones morales, entonces su programa no es más que el de nuevo despotismo y es esencialmente el mismo que el de la derecha radical. (KOLAKOWSKI, 1985, p. 174).

Dessa maneira, o mito de Sorel seria tão exclusivamente emocional,²⁵ tão vazio de conteúdo, que ele conseguiria se revigorar sem dificuldade no mito demagógico do fascismo. (LÖWY, 1997, p. 121). Todavia, se a análise de Sorel presta-se à apropriação e desfiguração através de uma leitura direcionada de suas obras por parte de teóricos e políticos adeptos do autoritarismo, não é menos verdade que Sorel exerceu influência completamente oposta sobre toda uma geração de marxistas que, contrapondo-se ao marxismo da Segunda Internacional, buscavam questionar a apatia e o oportunismo dos políticos profissionais e revigorar a força política e a auto-estima do proletariado, recolocando a condução de seu destino em suas próprias mãos.

Apesar de não ter conseguido difundir seu sindicalismo revolucionário na França com muito sucesso, a obra de Sorel obteve grande repercussão no âmbito do comunismo italiano, exercendo influência sobre importantes personalidades como Antonio Gramsci, Ângelo Mosca e Palmiro Togliatti. Fora da Itália, Sorel foi reconhecido ainda por Lukács,²⁶ que entre os anos 1908-1924, incorpora muitos aspectos de seu romantismo anticapitalista – sua crítica da sociedade burguesa inspirada por valores sociais ou culturais do passado.²⁷

No entanto, “à medida que o fichteanismo moralista cede lugar à dialética hegeliana, a ideologia revolucionária de Lukács se afasta de Sorel e do sindicalismo revolucionário para se aproximar do marxismo (e do leninismo)”. (LÖWY, 1997, p. 119). O distanciamento final de Lukács em relação ao sorelianismo operará a partir de 1933,²⁸ quando Lukács passa a considerar Sorel como um dos ideólogos irracionalistas,²⁹ que teria preparado o terreno para o fascismo – temática desenvolvida em *A destruição da razão*, de 1953.

Tendo em vista todo o horror provocado pelos regimes autoritários, avessos ao racionalismo e pautados na violência, é compreensível que tal como Lukács, os estudiosos contemporâneos ainda apresentem repugnância a quaisquer teorias a ele relacionadas. Contudo, a simplificação, redução e segmentação da teoria soreliana, com vistas à sua total execração, ou ainda a presunção de uma eventual concordância e apoio de Sorel aos governos totalitários, resultam na deturpação de seu pensamento e no comprometimento de qualquer estudo que se pretenda mais sério a respeito do autor. Portanto, como nos mostra Michael Löwy, “o mínimo que se pode dizer sobre essa interpretação é que ela é unilateral demais para dar conta da riqueza e do verdadeiro significado cultural e político de uma obra como a de Sorel”. (LÖWY, 1997, p. 122). “Lukács

não nega que Sorel seja um pensador socialista; mas encara sua visão de mundo como uma crítica irracionalista do progresso, que leva à ruptura fatal entre socialismo e democracia.” (LÖWY, 1997, p. 121).

Notas

¹ Conhecida como a “Primeira Internacional Socialista”.

² Após ter sido adotada com restrições no Congresso de Iena de 1905, a greve geral foi novamente rejeitada em 1910, no Congresso Socialista Internacional de Copenhague. (GUÉRIN, 1971).

³ MANDEL, E. *A teoria leninista da organização*. São Paulo: Antídoto, 1975. p. 75: “É injustificado e falso caracterizar a obra de Lenine como uma subestimação sistemática da importância das ações de massa espontânea [...]. Quando Rosa Luxemburgo diz que não se pode determinar com antecedência, segundo um calendário, o momento em que estalará uma revolução proletária, tem perfeitamente razão, e Lenine partilhava a mesma opinião. Estava convencido como ela de que a atividade elementar das massas, sem a qual uma revolução é impossível, não se deixa esquematicamente organizar ou comandar por uma série de suboficiais disciplinados. Lenine reconhecia perfeitamente como Rosa Luxemburgo o espírito de invenção e a capacidade de iniciativa que desenvolve uma real e larga ação de massa. A diferença entre a teoria leninista da organização e a teoria da espontaneidade, como lhe chamam – e que só pode ser atribuída com reservas a Rosa Luxemburgo – reside por consequência não na apreciação da iniciativa

das massas, mas na compreensão dos seus limites. A iniciativa das massas é capaz de realizar muitas coisas, mas é incapaz quer de conceber o programa total de uma revolução socialista no próprio decurso da luta, quer de impulsionar a centralização das forças, a única que permite o derrube de um poder de Estado e do seu aparelho de repressão apoiando-se na exploração completa das vantagens da sua linha interior. Por outras palavras: os limites da espontaneidade das massas aparecem precisamente no momento em que se torna claro que o sucesso de uma revolução socialista não se deixará improvisar.”

⁴ Dentre eles “Le Procès de Socrate”, de 1889.

⁵ NYE, R. A. “Two paths to a psychology of social action: Gustave Le Bon and Georges Sorel”. *The Journal of Modern History*, Chicago: University of Chicago, v. 45, n. 3, p. 423, 1973 – *A sometimes unappreciated truism is that because men like Le Bon and Sorel studied nonrational factors in human behavior; they did not, on that account, become irrationalists. Though undeniably there were many elements in French thought which openly celebrated intuition, Sorel and Le Bon were not of this genre. It was their intention to study the role of emotion in individual and social life and to seek a generally wider recognition for the significance of nonlogical motivation.*

⁶ NYE, idem, p. 426 – *Sorel's continuing concern with the psychology of emotion derived from two central fixtures of his thought: first, the notion that rationalist philosophy, as against Bergsonian vitalism, was, as a scientific method for understanding psychology, grossly inferior, and second, that the religious sentiment in human affairs, long misunderstood even by "psychological" historians, played a greater role in social evolution than any other element.*

⁷ NYE, idem, p. 426 – *At a base he was convinced that no amount of logic or reason could erode the organic "faculté mystique" which served as the core of the human capacity to believe, and he encouraged the church to sunder its historic concern with the metaphysics of religion and revitalize its ranks with a Bergsonist emphasis on a theology more mystic than dogmatic.*

⁸ Sorel analisa a importância do componente religioso em *Contribution à l'étude profane de la Bible* de 1889.

⁹ Os artigos de Sorel publicados nessa revista foram posteriormente reunidos no livro *Materiaux d'une théorie du prolétariat*, de 1898.

¹⁰ Teoria exposta principalmente no livro *Psychologie des foules*, de 1895. Le Bon discutiu essa mesma questão em artigo escrito em 1898, "Psychologie du socialisme", considerado por Sorel como a mais completa obra já publicada na França sobre socialismo. (NYE, 1973, p. 427).

¹¹ Temas revisitados por Sorel em *La ruine du monde antique* (1901), *Les préoccupations métaphysiques des physiciens modernes* (1905) e *Les illusions du progrès* (1908).

¹² "Não tenho nenhuma razão para supor que Lênin haja tomado idéias de meus livros. Mas se assim fosse, muito me orgulharia por ter contribuído para a formação intelectual de um homem que me parece ser, ao mesmo tempo, o maior

teórico que o socialismo teve depois de Marx e um chefe de Estado cujo gênio lembra o de Pedro o Grande". (SOREL, 1992, p. 316).

¹³ "Ainda que Lênin não pudesse executar todo seu programa, ele deixaria ao mundo ensinamentos importantíssimos que a sociedade européia poderia aproveitar. Lênin pode, merecidamente, se orgulhar do que fazem seus camaradas: os trabalhadores russos conquistaram uma glória imortal ao se lançarem à realização daquilo que até então só havia sido uma idéia abstrata". (SOREL, 1992, p. 318).

¹⁴ Sorel passa, então, a valorizar o papel desempenhado por uma vanguarda intelectual na organização da nova sociedade: "Para dar ao socialismo russo uma base que um marxista (como Lênin) possa considerar sólida, é preciso um prodigioso trabalho da inteligência: esta deve ser capaz de demonstrar aos diretores da produção o valor de certas regras que foram introduzidas da experiência de um capitalismo avançado; é preciso fazer com que tais regras sejam aceitas pelas massas, graças à autoridade moral desfrutada por homens que obtiveram, mediante seus serviços, a confiança do povo; a todo instante, os responsáveis pela revolução são obrigados a defendê-la contra os instintos que sempre impelem a humanidade para as regiões mais baixas da civilização." (SOREL, 1992, p. 317).

¹⁵ Essa filiação está refletida em sua última obra *De l'utilité du pragmatisme*, de 1921.

¹⁶ Apesar de haver sofrido considerável influência de Le Bon, Sorel não enxerga as massas como hostis, irracionais e conservadoras. Seu impulso seria não apenas destrutivo como igualmente construtivo, rebatendo assim as idéias de Le Bon que pregam que a emergência de uma civilização seria obra exclusiva de uma elite intelectual: "Le Bon afirma que nos enganamos muito

quando cremos nos instintos revolucionários da multidão, que suas tendências são conservadoras, que toda a força do socialismo provém do estado mental, um tanto desequilibrado, da burguesia; ele está convencido de que as massas buscarão sempre um César. Há muito de verdade nesses julgamentos baseados num conhecimento bastante extenso das civilizações; mas cumpre acrescentar uma correção às teses de Le Bon: elas só valem para sociedades nas quais inexistente a noção de luta de classe.” (SOREL, 1992, p. 153).

¹⁷ “A experiência nos mostra que construções de um futuro indeterminado no tempo podem ter uma grande eficácia e muito poucos inconvenientes, quando são de uma certa natureza. Isso ocorre quando se trata de mitos nos quais se encontram as tendências mais fortes de um povo, de um partido ou de uma classe, tendências que se apresentam ao espírito com a insistência de instintos em todas as circunstâncias da vida, e que dão um aspecto de plena realidade a esperanças de ação próxima sobre as quais se funda a reforma da vontade. Sabemos, aliás, que esses mitos sociais não impedem em absoluto o homem de saber tirar proveito de todas as observações que faz ao longo de sua vida e que não são obstáculos a que ele cumpra suas obrigações normais.” (SOREL, 1992, p. 143).

¹⁸ Assim, em meio à ruína total das instituições e dos costumes, restaria algo de poderoso, de novo e de intacto: a “alma do proletariado revolucionário”, que não será arrastado à decadência geral dos valores morais se os trabalhadores tiverem energia suficiente para barrar o caminho dos corruptores burgueses, respondendo às suas investidas com a brutalidade mais inteligível. (SOREL, 1992, p. 279).

¹⁹ “Graças a ela (greve geral), o socialismo permanece sempre jovem, as tentativas

feitas para realizar a paz social parecem pueris, as deserções de camaradas que se aburguesam, longe de desencorajar as massas, excitam-nas ainda mais à revolta. Em uma palavra, a cisão jamais corre o risco de desaparecer.” (SOREL, 1992, p. 153).

²⁰ “A revolução surge como uma revolta pura e simples, e nenhum lugar é reservado aos sociólogos, à gente mundana amiga das reformas sociais, aos intelectuais que abraçaram a profissão de pensar pelo proletariado.” (SOREL, 1992, p. 158).

²¹ “Jamais tive pelo *ódio criador* a admiração que Jaurès lhe dedicou. Não tenho para com os guilhotinadores as mesmas indulgências que ele; tenho horror de toda medida que pune o vencido sob um disfarce judiciário.” (SOREL, 1992, p. 311).

²² “A guerra social, apelando para a honra que se manifesta tão naturalmente em todo exército organizado, pode eliminar os sentimentos ruins contra os quais a moral permaneceria impotente.” (SOREL, 1992, p. 311).

²³ ARENDT, H. *O sistema totalitário*. Lisboa: D. Quixote, 1978. p. 419. “A geração de vanguarda”, em agudo contraste com os pais espirituais que ela mesma havia escolhido, estava completamente absorvida pelo desejo de ver a ruína de todo este mundo de segurança falsa, cultura falsa e vida falsa. Esse desejo era tão forte que o seu impacto e eloquência eram maiores do que os de todas as tentativas anteriores de “transformação de valores”, como de Nietzsche, ou de reorganização da vida política, como indica a obra de Sorel, ou de restauração da autenticidade humana, como em Bakunin, ou de apaixonado amor pela vida, na pureza das aventuras exóticas de Rimbaud. A destruição sem piedade, o caos e a ruína assumiam a dignidade de valores supremos”.

²⁴ KOLAKOWSKI, L. *Las principales corrientes del marxismo: su nacimiento, desarrollo y disolución*. Madrid: Alianza, 1985. p. 174: “Puede ser extraño que un escritor que atacó tan ferozmente la idea de patriotismo, las instituciones estatales y la organización de partido haya sido reconocido como ideólogo del incipiente movimiento fascista y haya suministrado argumentos a los funcionarios y apólogos de una brutal tiranía nacionalista, tanto más cuanto, al contrario que Nietzsche, Sorel aceptaba las básicas doctrinas marxistas. Si bien su vínculo con el fascismo es real, era imposible juzgar las primeras insinuaciones del fascismo italiano de 1912 con los ojos de quienes presenciaron la segunda guerra mundial. Todo lo relacionado en la obra de Sorel con la revolución y la sociedad post-revolucionaria pertenece, ciertamente, al ámbito del “mito”, que en principio no admite discusión o explicación. El fascismo sacó su fuerza del sentimiento de desesperación y el deseo de un cambio absoluto, la desilusión por la democracia, la falta de fe en la posibilidad de una reforma y la oscura necesidad de una ruptura radical con el esquema de cosas existente. La llamada de Sorel estaba adaptada a las condiciones espirituales de las que alimentó el fascismo. No se propuso ser el artífice de un nuevo orden, sino el heraldo de una catástrofe.”

²⁵ O estudo acerca da utilização dos símbolos e dos mitos pelos regimes totalitários foi empreendido brilhantemente por Serge Tchakhotine: “O símbolo é concebido geralmente como uma representação que evoca, instantaneamente, uma idéia ou uma doutrina, o sinal quase mecânico, ou melhor, automático, que sugestiona os homens, que os reúne em torno dessa idéia. Mas, a idéia ou doutrina é uma criação dos homens, destinada a estimular sua atividade, polarizando-a num determinado sentido; contém sempre

elementos do que Pavlov chamou de reflexo de fim. Ora, se um homem tende para um objetivo é que ele não se contenta com aquilo de que vive atualmente, procura alguma coisa de melhor, de mais atraente e, vendo a impossibilidade de atingir esse fim, na sua época, cria o ideal, o Pássaro azul. É a origem dos mitos. A política e os mitos têm pontos de contato muito nítidos.” (TCHAKHOTINE, 1988, p. 277).

²⁶ Influência essa exercida por intermédio do pensamento do socialista húngaro Ervin Szabo. (LÖWY, 1997).

²⁷ LÖWY, M. Georg Lukács e Georges Sorel. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v. 1, n. 4, p. 118, 1997 – “A meu ver, o que a filosofia de Lukács deve a Sorel em 1917-1918 é, antes de qualquer orientação política precisa, uma certa *stimmung*, uma certa atmosfera espiritual feita de romantismo capitalista e de rejeição ao liberalismo burguês, rigorismo ético e visão apocalíptica do futuro. Do ponto de vista propriamente político, o que ele extrai do pensamento francês é menos o culto da violência que o desprezo ao parlamentarismo, à política institucional e ao reformismo social-democrata, bem como uma aspiração revolucionária carregada de idealismo social.”

²⁸ “A menos que se considere, contrariamente ao velho Lukács, que a concepção mais mistificadora e alienante é antes aquela que substitui a ação da própria classe pelo partido e seu aparelho... Foi talvez graças à influência combinada de Sorel e de Rosa Luxemburgo que Lukács logrou resistir, durante seu primeiro período revolucionário, a essa tentação substitucionista e burocrática.” (LÖWY, 1997, p. 122).

²⁹ “Lukács não nega que Sorel seja um pensador socialista; mas encara sua visão de mundo como uma crítica irracionalista do progresso, que leva à ruptura fatal entre socialismo e democracia.” (LÖWY, 1997, p. 121).

Referências

- ARATO, A. A antinomia do marxismo clássico: marxismo e filosofia. In: HOBBSBAUWM, Eric (Org.). *História do marxismo IV: o marxismo na época da Segunda Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ARENDDT, H. *O sistema totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- GALLINI, C. Scipio Sighele et la foule délinquante. *Hermes 2. Masses et Politique*, Paris, CNRS, 1988.
- GUÉRIN, D. *Rosa Luxemburgo e a espontaneidade revolucionária*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- KOLAKOWSKI, L. *Las principales corrientes del marxismo: su nacimiento, desarrollo y disolución*. Madrid: Alianza, 1985.
- LE BON, G. *Psychologie des foules*. Paris: Quadrige/ PUF, 1963.
- LÊNIN, V. I. Que fazer? In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. v. 3.
- LOUREIRO, I. M. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Unesp, 1995.
- _____. *Rosa Luxemburgo*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.
- LÖWY, M. Georg Lukács e Georges Sorel. *Crítica marxista*, São Paulo, Xamã, v. 1, n. 4, 1997.
- LUXEMBURGO, R. *A revolução russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MANDEL, E. *A teoria leninista da organização*. São Paulo: Antídoto, 1975.
- MARCUSE, H. *Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MOSCOVICI, S. *Lage des foules*. Bruxelles: Complexe, 1991.
- NYE, R. A. Two paths to a psychology of social action: Gustave Lebon and Georges Sorel. *The Journal of Modern History*, Chicago, University of Chicago, v. 45, n. 3, 1973.
- PAOLA, G. de. Georges Sorel, da metafísica ao mito. In: HOBBSBAUWM, Eric (Org.). *História do marxismo IV: o marxismo na época da Segunda Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- REYNIÉ, D. Théories du nombre. *Hermes 2: Masses et Politique*, Paris, CNRS, 1988.
- SOREL, G. *Matériaux d'une théorie du prolétariat*. Paris: Slatkine, 1981.
- _____. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- TCHAKHOTINE, S. Le symbolisme et la propagande politique. *Hermes 2: Masses et Politique*, Paris, CNRS, 1988.